

A GEOGRAFIA É POÉTICA: SAUDAÇÃO A CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Sônia Maria de Araújo Cintra¹

Durante o evento “Formação da Geografia Brasileira: Encontros e Trajetórias”, realizado nos dias 7 e 8 de abril de 2008, no auditório da Geografia da USP, com coordenação de Maria Adélia Aparecida de Souza, Professora Titular daquela Instituição, fui convidada por ela à honrosa e não simples missão de saudar Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Professor Emérito da Universidade de São Paulo, que seria homenageado. Outro geógrafo, Michel Rochefort, Professor Emérito da Universidade de Paris I – Sorbone, também seria saudado, este pela própria Professora Maria Adélia, que fora sua orientanda no doutorado. Os dois haviam completado oitenta anos em 2007! Inspirada pelo subtítulo do evento, Encontros e Trajetórias, busquei fazer um exercício de aproximação entre Literatura e Geografia, a partir de um curso que o Professor Carlos Augusto havia ministrado dois anos antes.

No ano de 2006, em que se celebrou o cinquentenário de publicação de *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: veredas*, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) promoveu o Seminário Internacional João Guimarães Rosa, durante o qual o Professor Carlos Augusto ministrou o mini-curso “*Mensagens Geográficas Contidas n’O Recado do Morro*”, conto central da obra “*Corpo de Baile*” (1956), de Guimarães Rosa. Sabendo de meu crescente interesse pela Geografia Humana, embora dedicada à Literatura, a Professora Maria Adélia sugeriu que fosse assistir ao curso do Professor Carlos Augusto. Cabe aqui ressaltar que o referido curso foi mini só no título, pois os que o freqüentaram sabem que foram aulas magnas as ministradas por ele, todas as tardes, na Sala de Áudio-Visual, da Geografia da USP, conforme confirma o texto básico de sua palestra proferida na XIII Semana Roseana de Cordisburgo (25.06 a 01.07 de 2001), o qual lhe serviu de apoio didático no curso.

¹ Mestranda do curso de Pós-graduação em Literatura Portuguesa – FFLCH/USP.

Ao adentrar o prédio da Geografia, sem saber muito bem para onde me dirigir, observei que do alto das rampas ali existentes um distinto senhor contemplava aquele espaço com o olhar de quem, ao mesmo tempo percorria a história e vislumbrava o futuro. Imediatamente, pensei:- Queria que ele fosse meu professor! Como a fada-madrinha passava por ali naquele instante, ao entrar na sala indicada, constatei feliz que tal desejo se realizara. Logo no primeiro dia do curso, através das explicações detalhadas do Professor Carlos Augusto sobre a geomorfologia do sertão, cuidadosamente ilustrado com seus desenhos característicos, que preenchiam a lousa e encantavam os alunos, fui deslumbrando no horizonte do conhecimento a possibilidade de uma aproximação entre as duas disciplinas: Literatura e Geografia. É claro que nesse contexto ninguém está se colocando como quem descobriu a pólvora, pois que uma disciplina não vive sem a outra já é sabido. Entretanto, havia ali uma outra dimensão de abordagem teórica que emergia permeada de emoção.

A dialética e a dialógica já têm dado conta de diálogos na construção do saber pela razão. Mas, e pela emoção? Sartre pondera que a *emoção é sofrida* e que “para compreender bem o processo emocional a partir da consciência, convém lembrar o caráter duplo do corpo, que é por um lado um objeto no mundo e, por outro, a experiência vivida imediata da consciência.” O filósofo a considera não um acidente, “mas um modo de existência da consciência, uma das maneiras como ela compreende” (no sentido heideggeriano *verstehen*) seu “ser-no-mundo.” (SARTRE, 2006 p.90). Daí, talvez, a dificuldade de investigação teórica por este viés.

A ubiqüidade já foi conquistada pela técnica, quando a partir da imagem do computador o homem pôde se ver em casa e no Planeta, simultaneamente, em tempo real, tornando, assim, empiricamente evidente a relação tempo-espaço. Milton Santos em *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, refere-se à psicofera como “reino das idéias, crenças, paixão e lugar da produção de um sentido” (SANTOS, 2002 p.256) ². Nesta mesma direção, segundo Ana Clara Torres Ribeiro, “a psicofera acompanha e, por vezes, antecede a expressão do meio técnico-científico.” (RIBEIRO, 1991 p.48). A partir daí e citando Ortega Y Gasset: “o mundo sou eu”, como suprimir o sentir do exercício de pensar, sem comprometer o processo de conhecimento? A relação sujeito-objeto, submetida a tal fragmentação pode ser reconstruída sem perdas?

No início do Curso “Mensagens Geográficas Contidas n’O *Recado do Morro*”, o Professor Carlos Augusto discutiu, entre outras questões, a estrutura original de *Corpo de*

² Referências Bibliográficas das obras aqui citadas à última página deste texto.

Baile, na sua primeira edição da José Olympio (1956), como um mosaico literário de sete estórias, que compõem uma totalidade pelo entrelaçamento de algumas personagens nas diversas narrativas, que foi posteriormente fragmentado na edição de 1964. Em seguida, elucidou que a relação espaço-literatura permitia duas vertentes de abordagem: a teórica “mais estimulante à discussão”, e a prática, a qual ele escolhera que permitia “algumas ilações de interesse para o debate”. Vale lembrar que já constava de sua trajetória, como se pode ler em “*O espaço iluminado no tempo volteador – Conjecturas sobre o conteúdo geográfico no sertão de Guimarães Rosa*” (MONTEIRO, 2002 p.209), a preocupação de tecer “um continuum entre a configuração da paisagem e a condição humana”, por inspiração da leitura de geógrafos britânicos (Pocock, 1981) e críticos literários franceses (Crouzet, 1981).³

Mas, voltando às suas aulas de maio de 2006, ao tratar da geomorfologia do sertão em *O Recado do Morro*, ele ensinava que o Morro da Garça, na região de Cordisburgo (MG), é o que se chama geograficamente de morro testemunho. Em outras palavras, da serra que antes existia naquele local, e que fenômenos naturais como a chuva e os ventos erodiram quase totalmente, por ser ela em sua grande parte constituída de uma rocha pouco resistente a tais fatores, restou ele, “um morrinho”, que por ser de uma outra natureza de formação rochosa, ficou na paisagem como testemunho, como “recado” da serra outrora existente. Ficou para contar a história.

A epifania é um momento mágico de revelação instantânea e, duradouro, quando se concretiza na expressão escrita. Rascunhei o relâmpago daquela compreensão de tão encantatório assunto “geográfico-literário” no sempre fiel caderninho de anotações, da seguinte forma: não é à toa que Rosa escolheu o Morro da Garça, “solitário escaleno e escuro, feito uma pirâmide. [...] Tudo calcáreo.” (ROSA, 2002 p.39), em sua descrição, e “Belo como uma palavra” (idem, p.42), em seu conceito, para dar o recado do perigo de morte que corria Pedro Orósio, o Pê-Boi, por traição de sete companheiros, na vila próxima ao Rio das Velhas, no conto *O Recado do Morro*. Uma prosopopéia, recurso semântico que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos. Personificação.

A tradição literária clássica da prosopopéia, encontrada na literatura épica, a exemplo da *Odisséia*, ou no episódio do Gigante Adamastor, Canto V - *Os Lusíadas*, no qual um promontório ⁴ fala ameaçadoramente a Gama e sua esquadra portuguesa, é

³ Citados em *O Mapa e a Trama: Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*, p. 12

⁴ Geograficamente situado no extremo sul do continente africano. Historicamente, Cabo das Tormentas, até o século XV; e, depois, Cabo da Boa Esperança.

retomada em *O Recado do Morro*, pela maestria de Rosa. Se naquela, o desafio à sobrevivência é o mar; nesta, ele é o sertão. Se na epopéia clássica, o nobre comandante imediatamente entende o que diz o gigante e se põe a dialogar com ele; no lirismo prosaico de Rosa, o recado do morro, ouvido inicialmente por Gorgulho, *ser não reflexivo, não escravo ainda do intelecto*, é um enigma. Ele passa de boca em boca, a ser compreendido somente quando vira a canção do “Grande Rei e seus sete bons cavaleiros”, por obra do violeiro Laudelim, e é cantada pelo próprio guia da expedição. Canção de gesta popular sertaneja, cuja mensagem era o aviso de morte à traição do guiador Pedro Orósio, geralista bem sucedido com mulheres do arraial, o que provocava ciúme e inveja dos companheiros. Lê-se na quinta estrofe da canção: “A sina do Rei é a morte; / temos de tomar assento... / Beijaram suas sete espadas; / produziram juramento.” (ROSA, 2001 p.96).

A partir da compreensão geográfico-literária, possível graças ao curso ministrado pelo professor Carlos Augusto, de que foi um morro testemunho o que deu o recado verbal, a vontade de estudar as relações espaço-literatura me conduziu não só à releitura da obra de Rosa, mas à sua terra natal, Cordisburgo, para pesquisar sobre a toponímia do sertão nas relações homem-mundo. Semanas depois, retornando a São Paulo com o material recolhido das conversas com moradores, da observação da paisagem e de alguma pesquisa bibliográfica, tentei elaborar um texto com fundamentação teórica. Obtive como resultado, não uma proposta de dissertação para mestrado, como pretendia de início, mas um pequeno livro de poesia⁵, que foi engrandecido pela Apresentação do Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, e Dedicatória à Professora Maria Adélia Aparecida de Souza. Pareceu-me, daí, que do sertão, havia ficado com as veredas, nascentes que possibilitam sua existência.

Na cidade do interior de São Paulo onde residio havia um padeiro que costumava dizer que não tinha medo de nada. Nem da guerra, nem da fome nem da miséria, porque, em suas palavras, por todas elas já tinha passado e sobrevivido; só tinha medo da audácia do ignorante. Se de um lado o receio da “audácia do ignorante” quase me fez declinar o convite da Professora Maria Adélia, principalmente quando refleti que os colegas dos Seminários de Geografia do Instituto Territorial, por ela criado e coordenado, estariam mais bem preparados para aquela saudação, por dois motivos, pelo menos: eram geógrafos e eram estudiosos há mais tempo da Geografia Nova, caminho por onde eu mal ensaiava os primeiros passos, auxiliada por todos eles; de outro lado, a gratidão

⁵ CINTRA, Sônia. *Travessia/Traversia*. (Tradução Italiano: Inos Corradin) e (Ilustrações de Araken Martinho). Jundiaí (SP): Editora In House, 2006.

ao Professor Carlos Augusto motivava a vontade de saudá-lo publicamente, no evento. Venceu a gratidão, malgrado o nervosismo. Somente quando comecei a falar e percebi que tinha diante de mim uma ponte de luz construída pelo saber humanista do Professor, e senti a mão de rigor generosamente estendida pela Professora, ali presentes, ele cedeu. A travessia Literatura-Geografia já estava sendo feita, só era preciso ter coragem para continuar. Não havia como retroceder.

Este texto, sem nenhuma pretensão teórica, pois não é esta sua finalidade, escrito por solicitação de Ewerton Vieira Machado (Professor Adjunto do Departamento de Geociências da UFSC), presente no evento, é uma forma de continuar. O esforço de trazer à razão - sob forte emoção - a epifania daquele momento poderá, quem sabe, contribuir com a compreensão de que a chave lírica é importante para abrir portas de intuição e percepção da existência de recados do morro, seja ele testemunho, seja ele paisagem, seja ele palavra. Na relação sujeito-objeto do presente, tal compreensão parece imprescindível para transformar o mundo “novo”⁶ gerado pela técnica, de metáforas perversas, aceleração contínua e simulacros enganosos, em um mundo onde prevaleça a condição humana no uso do território.

Se, como diz Guimarães Rosa, *o sertão está em toda parte*, pode-se, também, dizer que a emoção está em toda parte, até no conhecimento, permeando a razão. Daí, com todo o respeito aos teóricos da Literatura e da Geografia, ser o título deste texto “A Geografia é Poética”. A trajetória política e intelectual da Professora Maria Adélia, geógrafa paulista, e do Professor Carlos Augusto, geógrafo piauiense, as obras recentemente publicadas⁷, o encontro deles com outros geógrafos para debater questões da disciplina e do mundo confirmam esta assertiva. Por isso, voltando à saudação, transcrevo a seguir o poema lido, e me despeço com a paráfrase: E viva Carlos Augusto!

BELIMBELEZA

(Para Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro)

Quando o vi

⁶ Alusão à globalização como modelo econômico.

⁷ MONTEIRO, Carlos A. de F. *Geografia Sempre: O Homem e seus Mundos*. Campinas: Territorial, 2008

ROCHFORT, Michel. *O Desafio Urbano nos Países de Sul*. (Tradução: Maria Adélia de Souza).

Campinas: Edições Territorial, 2008.

A Metrópole e o Futuro. (Org. de Maria Adélia de Souza). Campinas – SP: Edições Territorial, 2008.

Revista Discente Expressões Geográficas. Florianópolis – SC, Nº04, p. 16 - 22 maio/2008

www.geograficas.cfh.ufsc.br

pela primeira vez
ele estava impecável
em seu belo terno
contemplando
do cimo das rampas
da Geografia da USP
o tempo do sempre
Não sabia quem era
mas algo no silêncio
de minha alma
anunciou de mansinho
que seria ele o professor
por quem tanto esperava

Quando o vi
pela segunda vez
ele estava impecável
com seu belo traço
desenhando na lousa
a geografia do sertão
como se estivesse
em casa à vontade
Já sabia quem era
e atenta ouvia
de Rosa as estórias
que ele reconduzia
pelas veredas da vida
com esperança e memória

Quando o vi
pela terceira vez
ele estava impecável
à cabeceira da mesa
da sala de Maria Adélia
e com seus olhos azuis
de menino Miguilim
perdoou sem castigo
num brinde o vinho
do queridíssimo Michel
que eu sem querer
entornei na toalha

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O Mapa e a Trama*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002

RIBEIRO, Ana Clara Torres. “Matéria e Espírito: O Poder (Des)Organizador dos Meios de Comunicação”. In: PIQUET, R.& Ribeiro, A.C.T. *Brasil, Território da Desigualdade*. Rio de Janeiro, Zahar 1991, pp.44-55.

ROSA, Guimarães. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S.A. 2001.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo, Edusp 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, LPM 2007.